Eurico de Seabra

Cartas a Mulheres

1916

DEPOSITARIA:
LIVRARIA FERREIRA
Rua do Ouro, 132-138
LISBOA.

Do mesmo auctor:

A circulação fiduciaria (exgotado).

O moderno direito privado e a autonomia da legislação mercantil (exgotado).

A Egreja e o Estado.

Chorographia summaria de Portugal } Aprovadas pelo Governo da Republica.
Historia summaria de Portugal }

O ensino ecclesiastico em Portugal (exgotado).

A Egreja, as Congregações e a Republica (2.ª edição).

A guerra, Portugal e as potencias.

Trabalhos litterarios:

Tristes amores (theatro) exgotado.

Mulheres de Portugal.

Oiro do Brazil (romance).

No prélo:

Um romance de amor.

Composto e impresso na Tipografia "PORTO MEDICO„
de Magalhães & Mendes, L.da—Pr. da Batalha—PORTO

Enrico de Seabra

Ao Sr. Fernando Pessoa,
como homenagem
ao seu espirito, e
prova de viva appre-
ciação pessoal e intellectual, o Aut.
Enrico de Seabra

Cartas a mulheres

PORTO
Tipografia "Porto Medico,,
= Praça da Batalha, 12-A =
1915

A' Mulher, realisação do symbolo,

ao seu espirito, á sua grandeza e á sua bondade,
para que espalhem sobre as paginas
deste livro da minha alma,
a Arte, a Belleza e a Bondade
que nellas escaceiam.

Consagra o

AUCTOR.

874

Primeira carta

Sobre o conceito das cartas deste livro

Linda e cara Sára:

É a ti, synthese da Mulher, uma como essencia do sexo eleito, que eu dirijo a primeira carta deste livro, e offereço este livro. Não sei mesmo se tu existes, se és uma realidade, e se o perfume do teu sêr se encerra num corpo da Terra. O que sei é que te concebi, te sonhei na minha mente, e de ti faço um corpo que o sopro da vida anima, que a carne veste, uma creatura que a minha mente esthetica admira, a Arte, a Belleza e a Bondade illuminam, e o meu coração bem-quer.

Preciso de nomear-te. Dou-te, pois, um nome. Chamo-te Sára. Empresto-te um chrisma biblico, envolto nas tradições e na lenda. E' um nome sonoro, amavel, capaz de servir de appello á heroina do maior feito e á creatura da maior

paixão. E's Sára. E eu conheço-te. Trato-te nesta carta como uma antiga e uma cara amiga. Quasi te trato como uma amante. De tanto que admiro as tuas fórmas idiaes e a tua essencia idial, quasi sinto por ti loucura. Sim! Eu enlouqueci por ti porque te creei. Tu és a minha obra d'Arte destas paginas que escrevo e tu lerás. Tu és a minha estatua. Tu reproduses no marmore da Vida o blóco palpitante do meu Sentimento, do Bello e do Amor.

Convenho que tu, de facto, como realidade viva, não existas ainda. Estás no génesis da minha creação de poeta. E's tão somente um anceio de perfectibilidade do Sexo. Não és uma mulher. Mas serás no futuro porque aspiro — a Mulher. Eu, porem, trato-te já como se tu fosses, e tu vivesses. Tu és, na minha alma, uma como Regra, Fórmula, Principio, Resumo das mulheres. Eu disse-te já, e em verdade t'o repito — tu és a Mulher.

Por isso, certamente, os meus joelhos cahem por terra quando estou deante do teu corpo, as minhas mãos se erguem, a minha bocca ora, e a minha alma fica em extase, admirando-te, banhada da tua claridade.

Deixo no teu regaço um livro de *Cartas*. São cartas a mulheres. Tu, que és, que quintessencías a Mulher, perguntar-me-has que digo eu, que pretendo eu, escrevendo e discutindo as mulheres. Pois lê o que aqui deixo, e verás.

I

As minhas palavras a alguns espiritos feminis, são, em parte, provocadas pelo desejo que esses espiritos nutrem de me ouvirem sobre incidentes difficeis da sua existencia. Fracos, sem uma educação positiva que os robusteça, elles carecem dum cerebro forte e duma experiencia feita, que os illumine. Ora eu, em muitos casos, e para almas amigas que se me patenteiam, sou esse cerebro forte e essa experiencia feita. D'ahi o ouvirem-me e consultarem-me com frequencia.

As *Cartas* que traslado não possuem, como seria licito supor-se, um alto cunho de transcendentalismo ou de philosophia. O auctor é um latino, e como latino um impenitente romantico. Não ha para elle desillusões no Amor que o desconvençam de que o Amor exista, e não ha decepções no Idialismo que lhe desmintam a existencia do Idial como o oxigenio reparador das almas.

Baseado nestes principios, o auctor detesta, por repugnancia psychica, tudo o que desqualifica a Mulher, ou a rebaixa do alto sentimento que a nobilita. Schopenhauer, por exemplo, e outros prescrutadores ácidos e más-linguas do espirito novo, desgostam-no profundamente. Elle não preconisa o triumpho da Mulher-Homem, tão reclamado, mas tambem não admitte a inferiorisação da Mulher a um méro instrumento util de *ménage* e um aparelho vulgar de procreação. Resumindo: a Mulher não foi creada para as eminencias da politica e da vida social, mas não

é tambem um vulgar trambôlho e uma simples chocadeira do sexo viril.

Escrevendo estas cartas, nellas tão somente procuramos radicar e estabelecer um reino mais vasto do Amor e da Mulher. Esboçada e documentada por tantos espiritos a quebra actual do Amor e a fallencia da Mulher, estes escriptos firmam a doutrina tendente á maior vigencia do Amor e da Mulher.

Assim praticando, nós não realisamos apenas uma obra de justiça para com o sexo fragil. Mais do que isso praticamos uma difficil obra de fecunda esthetica. A Mulher, encarnando o Amor, é um motivo, o maior motivo de belleza esthetica. Se atacamos a Mulher, pulverisamos a sua essencia — o Amor, e destruimos assim o maximo perfume de belleza deste despoetisado valle de industrialismo e de feminismo em que a Civilisação e a Moda converteram o mundo em que vivemos.

E' missão dos artistas e governantes fazer do mundo e dos seus accidentes uma serie infinita de motivos de Arte que tornem a Vida melhor e mais pura. E' da existencia conhecida dos santos o exemplo de olhos fúlgidos de ascetas e de illuminados que aplacaram o furôr das tempestades e o furôr das feras famintas. A Arte tem uma acção curativa sobre as almas más. A Arte regenera os réprobos e os delinquentes. A Arte erguerá os homens de amanhã, mais que a mythologia hellenica alevantou e tornou immortaes os deuses do velho Olympo.

Por isso, minha linda amante, eu pergunto como não defender a Mulher, se com ella se de-

fende o Sentimento e o Amor? A trilogia mystica encerra a maxima verdade da Natureza. A Mulher, o Sentimento e o Amor são as pedras angulares sobre as quaes Deus alicerçou os mundos, formou os Universos, e fez rolar os soes e os satellites na immensidade intérmina dos espaços.

E' a Mulher, vaso sagrado do Sentimento e do Amor, que até hoje, neste minusculo planeta perdido no infinito, nos dá testemunho de haver sido ella o fulcro dos grandes feitos da humanidade. A Historia da humanidade resolve-se, por vezes, nas suas grandes *étapes*, na historia das suas grandes mulheres. As maiores guerras, as maiores religiões, como as maiores philosophias que tem arrastado o globo e as gerações que o povoam, são filhas da Mulher, são producto augusto e eterno do Sentimento e do Amor.

Se a Mulher não existisse, a Terra não teria nos seus annaes as paginas de brilho, de sangue e de lagrimas que enchem da primeira á ultima pagina o grande livro já lido do seu passado. A Mulher, atravez dos tempos, escrava como na velha Grecia, ou viril e máscula como na Inglaterra d'hoje, foi sempre, occultamente muitas vezes, a força imperativa dos grandes feitos que agitaram e que reformaram a humanidade e as civilisações. Cleopatra amando Antonio voltou a face do mundo num lance formidando da sua historia. E foram a belleza de Maria Magdalena, a sua carne illuminada, os seus seios de opulencia, os seus olhos estrelados, a maravilha prodigiosa da sua ternura e do seu Amor, que fizeram que Jesus morresse por ella, morrendo por todos nós, e morrendo pelo Amor!

II

Pobres dos mortaes, pois, a partir do dia em que elles mais não confiarem na Mulher, no Sentimento e no Amor. São a Mulher, o Sentimento e o Amor, que regem, como forças cuja energia é latente como a energia da materia, tudo quanto o Creador semeou na vastidão sem limites dos espaços do Cosmos. Do Sentimento e do Amor nasceu a Mulher, mas a Mulher quintessencía o Sentimento e o Amor.

Nos atomos que se procuram e que se ligam; nas aguas que se despedem em gottas e correm em fio; nas mollecullas que se agregam, bem como nos labios sequiosos de dois amantes que se procuram, — o Sentimento e o Amor são eguaes. A Affinidade e a Attracção são o Sentimento e o Amor. A Mulher, synthese do Sentimento e do Amor, é a Affinidade e a Attracção eternas.

A força que suspende no espaço os planetas e os prende ao Sol; a força que propelle o Sol e o arremeça pelo infinito; a força que sustenta a Lua e joga os satellites; a força que alteia os mares e propelle os ventos; a força que anima o raio, e choca as electricidades — é a mesma sempre, em todos os tempos e todos os instantes. Egual á força que rege as orbitas dos mundos, é á força que prendeu d'amor os olhos de Romeu e de Julieta.

Se o Universo é assim; e se o Amor é fremente, é escachoante, é como a luz viva que tudo anima e enche os espaços de energia e de clari-

dade, como a nós, mortaes, admittir a possibilidade de apunhalar o Amor?! Se Deus nos ouve e nos julga, se elle exalta e condemna os actos que praticamos, como não serão punidos os iconoclastas do altar dos seculos que alçou a Mulher e a divinisou?

Por isso nós sustentamos que a Mulher tenha o direito a ser defendida pelas gerações. Como expressão viva e palpitante da Belleza, esse jus lhe compete. Sem a Mulher, a Belleza não teria mais motivo de subsistir como uma força constructiva dos mundos. A Mulher imprimiu á Belleza uma expressão palpitante, um modo de ser diverso de toda a vulgar belleza, prenhe de vibratilidade e de emoção. Toda a belleza inerte é uma belleza morta ao lado da Belleza que se exprime e condensa na Mulher que é bella.

O Amor é, portanto, uma consequencia do Sentimento e da Mulher. Atacar o Amor, é perverter a Mulher. Sem o Amor, a aureola de refulgencia, de carinho indefinivel, que enche de claridades a Mulher, desappareceria. Não é, na Mulher, apenas a carne e as fórmas que a enfeitam, a esculptura que a engrandece. Acima do corpo mortal que se dissolve, está a alma immortal que eternamente vive e nos illumina.

III

Certo é, no entanto, que o conceito materialista dos modernos tempos, e uma interpretação prosaicamente objectivista das cousas, tem vindo

arietando tudo aquillo que o passado nos legou de legendario e de formoso. A Mulher, que a poesia trovadoresca, os torneios e a cavallaria enalteceram á grandiosidade dum mytho religioso, pouco e pouco se dissolve na realidade brutal dos dias que vão correndo. A Mulher que o christianismo fez martyr e fez santa, que resa, de joelhos, nos clarões dos vitraes, e que os poetas e os aventureiros sublimaram como uma essencia—gradualmente desce do seu altar de illuminada, e da sua crença de redemptora.

Os tempos que correm já não gerariam no seu seio as proesas épicas duma mulher como Joanna d'Arc, nem os milagres fabulosos da Nossa Senhora de Lourdes. Os amores de Hermann e Dorotheia affligem os pensadores calmos da hora presente. Werther irrita-os. São-lhes intoleraveis os devaneios lyricos de Fausto, como os amores famosos de Heloisa e de Abeillard. Tudo que transpire Idial, tenha uma nota de ternura, de paixão, desconcerta-os, amachuca-os, põe-nos em revolta contra os romanticos.

Foram os ensaios chimicos e as retortas que desviaram os espiritos da contemplação do Bello, da Mulher e do Amor. Uma ancia soffrega de realidade creou o brutal realismo. Tudo se mede pela balança e pelo oculo da lente. Só o que materialmente se vê, e impressiona, para os neoscepticos existe. O que existe para elles, não teve começo nem terá fim. E que importa que os tenha? Do começo e do fim, das causas primárias e das causas finaes, não cumpre cuidar nem inquirir.

Todos os sonhos dos poetas, todas as lendas

dos nautas, todas as aspirações das almas que se erguem da terra e, como azas de sonho, se desprendem pelo infinito, — tudo isso se pulverisa nos modernos tempos, se dispersa como uma semente esteril, se dissipa como um orvalho fluidico que cahe sobre as pedras e sobre as aguas infecundas. Os demolidores lançam sobre o passado a pedra d'um tumulo. O passado olvida-se como se olvida a memoria dos que nos crearam no seio e nos fizeram homens.

Mas tudo isto é acratico, é irreverente e é imbecil!

IV

Nas *Cartas* que vaes lêr, minha idial amante, tu não encontrarás contra a Mulher nem um insulto, nem uma ironia amarga. A Mulher, por muito que o seu prestigio desça, que as gerações a desconsiderem, que a sua belleza se dissolva atacada pelos artificios, terá sempre para os homens uma virtude que a fará triumphar nos seculos. Essa virtude é a virtude que lhe provem da maternidade.

E tu sabes, conjecturas, o que é ser Mãe. Tambem tu, acaso, ente de sonho a quem me dirijo, és Mãe. E ser Mãe, ter um filho, é ter realisado o mysterio supremo da Creação. Ser Mãe é possuir um ventre em que se gere um novo sêr; é crear e alentar uma nova vida; é ser a arvore d'um fructo de espirito e de carne excelso e maravilhoso. Ser Mãe é ser tronco d'onde um pômo surge e esse pômo é um corpo palpi-

tante, uma fórma animal perfeita, uma creatura que existe, se desloca, fala, pensa, ri, quer, soluça, chora, anceia, canta, ama, resa — é um coração, é, finalmente, um homem. As mulheres, as mães, tem uma epopeia maior que todas as epopeias. Ellas crearam o Homem. Ser Mãe!... Ha nada, na existencia, que eguale o grande, o immortal, o divino mysterio de ser Mãe?!

Mal-querer ou insultar a Mulher, é, pois, mal-querer e insultar o seio de fecundidade d'onde nos destacamos para a existencia. A bocca que mal-diz a mãe, mal-diz-se a si, que d'ella proveiu. O coração que ingratamente sente contra o ventre que o concebeu, mal sente contra si, que desse ventre é filho. Mal querer ou insultar a Mulher, é mal querer insultar a Mãe. Todas as mães são as machinas que Deus engenhou para fabricar os sêres e fazer d'elles heroes. Não mal-queiramos nem insultemos a Mulher!

O que nos cumpre sobre a Mulher, está traçado e o passado heroico nol-o ensina. Elevemol-a, como se eleva nos altares a hostia sacrosanta; façamos della uma deusa e das suas moradas um sacrario; punhamol-a num templo; accendamos-lhe lumes votivos e cobramol-a de rosas. Do seu olhar façamos uma fonte de bonança. E oremos-lhe; creiamos na Mulher. Difundamos pelo mundo, como um verbo eloquente, como uma semente de verdade, a crença na Mulher, a crença no Amor.

Se assim fizermos, a nós proprios nos depuraremos e nos resgataremos. Louvada, pois, sempre e por todos os seculos, seja a Mulher. As minhas cartas são as cartas d'um homem que re-

conhece na Mulher as qualidades de Virtude e de Belleza capazes de tornarem a Vida uma cousa bella, e a existencia uma cousa feliz. Glorificando a Mulher, nós glorificamos a Mulher que se exaltou e que, n'um largo lapso de seculos, floriu de sonho a Historia e deu aos homens a poesia do esquecimento e do prazer sem egual. Mas perdurará a Mulher do futuro como foi augusta e formosa a Mulher do passado? Os manuscriptos que seguem procuram responder á duvida anciosa. Lê-os, minha linda Sára, e diz-me depois o que pensas do seu conteudo.

V

Foi pensando em ti, meu amor, que eu consegui escrever as paginas delicadas e sentidas deste livro de impressões. O meu livro é um poema da Mulher. E tu inspiraste o meu livro em cada um dos seus capitulos, e atravez do correr lento das suas linhas. Foram os teus olhos onde se espharella o pallôr azul das saphiras, e ha scintillações de astros distantes, que illuminaram a róta do meu sentir. Os teus cabellos d'oiro, fulvos como o sol, escachoantes de luz como chammas, deram-me o calor que anima estas paginas. A belleza do teu busto de anjo, e a eterna alvorada que brilha nas tuas faces, galvanisaram o meu espirito, ensinaram-no a reflectir e depois de reflectir a dizer o que concebeu.

Tu és Mulher, e, como mulher, materialisas a essencia, a synthese absoluta da Mulher. Todas

as mulheres, minha linda, deviam ser o que tu és. Se o fossem, esta indigna prosa da Vida, esta vulgar trivialidade das cousas da existencia, transformar-se-hia profundamente. A Mulher dar-lhe-hia a graça das suas fórmas, os caprichos do seu espirito, a doce anciedade dos seus desejos. Ella, como um deus genésico, transformaria e aformosearia o mundo.

As *Cartas* que publíco, todas bebidas na fonte que perenne e eternamente corre do teu amor, irão ensinar ás mulheres que não são, como tu és, que deviam ser o que tu és e eu em ti admiro e ás mais mulheres evangeliso nas paginas que escrevo. Ellas, as outras, deviam tomar-te por modelo. Ellas deviam falar e pensar como tu falas e pensas. Ellas deviam ter em ti um como espelho da sua bondade e do seu proceder.

Tu, que és perfeita e que és santa; tu que de Deus provieste e ao seu seio amantissimo regressarás ainda, devias, se podesses, ir um dia por entre as mulheres, prégar a redempção e o triumpho da Mulher. Se fosses, a tua sementeira fructificaria em cem grãos por cada grão que lançasses á terra. O teu arado rasgaria solos áridos, que a tua palavra tornaria lentos e ferteis como vergeis.

A ti, — a quem reverente e contricto falo como se me confessasse — eu deveria pedir-te que aproveitasses o teu espirito e a tua belleza, annunciando ás gentes a victoria do sexo a que pertences. Mas a tanto te não obrigo, porque receio, meu amor, a saudade da tua ausencia. Se fosses ensinar os outros, como me havias de ensinar a mim?

E eu preciso de ti, meu bem. Em cada dia que passa, mais reconheço que sem ti a vida me seria inutil, senão nefasta e deleteria. E's tu, somente, em meio deste mundo que me rodeia e que nos rodeia, a unica e positiva felicidade que eu conheço e experimentei. Por ti, somente, eu amo a Vida, e tenho uma anciedade, uma volupia immensa de vivel-a até que Deus o queira, e os dias me dê por findos.

Lê, pois, estas notas do livro que deixo sobre o teu regaço. Ellas vieram de ti, e que tu as acceites, como flores, que são, da minha e da tua alma unificadas. Foi o nosso convivio e foi o reconhecimento do teu espirito e da tua bondade, que germinaram no meu sentir a ideia destas paginas que vaes folhear.

Se ellas tem algum colorido; se aqui e alem as perpassa um rastro de Emoção, de Verdade e de Poesia, é que tu mas suggestionaste com a tua belleza, e m'as ensinaste com o brilho lucido dos teus olhos suaves. Lê-as, pois, e mais tarde me dirás se ellas te impressionaram.

Se aqui e alem uma nota discrepar do teu espirito, dá-a como não escripta. Eu não desejo na minha obra uma palavra que não seja o sentir nitido do teu coração, e a fala luminosa da tua bocca. Se eu vivo por ti, como que vivo em ti — poderia o meu coração não expressar somente aquillo que o teu coração expressa?

VI

As *Cartas* deste livro são dirigidas a varias mulheres. Mas não tenhas por isso ciumes. O ciume, quando injustificado, é ridiculo. E tu, meu amor, grande como és, e conhecendo-me como conheces, não podes ter ciumes de mim. Esses espiritos a quem me dirijo são para o meu espirito como bellos quadros de natureza viva. Admiro-os como admiro as figuras de Falguiére, ou as madonas de Raphael, com veneração, mas sem interesse de amor.

De resto, tu o sabes, eu fiz de ti uma excepção tamanha, e puz-te tão aparte no mundo da Mulher, entre as mulheres, que em verdade te digo que só tu és o typo — só tu és a Mulher. As demais realisam, por vezes, uma ou outra condição da Mulher; mas faltam-lhes requisitos para attingirem a synthese perfeita e completa — para serem a Mulher.

Dirás tu que eu sou lisongeiro; mas enganas-te. E' que não sabes quanto vales nem o preço de joia de principe em que eu te tenho ha tanto.

Acceita, pois, como fumos votivos d'um holocausto, as palavras e o perfume d'estas linhas que eu escrevo pensando em ti. Tem para ellas a indulgencia que tudo o que é meu e do meu espirito desde sempre te merece. Lê-as com paixão; polvilha-as da essencia suave da tua ternura. Se uma pagina folheares que te commova, beija-a. Beija-a febril e demoradamente. Os beijos que deres nas minhas *Cartas*, são os beijos

que dás na minha bocca sequiosa de ti e da agua do teu amor.

Escrevendo este livro, a ti, que és Mulher, eu tomei-te como o symbolo da Mulher. Por isso vês como te quero bem. Não é o sentimento que passa como a vertigem, o bem querer que é ephemero como o meteoro que illumina e se desvanece. E' qualquer cousa de mais profundo e de mais duradoiro. E' em mim organico e palpitante como o tumultuar das veias. E' como o meu sangue e o meu coração.

Se eu podesse corporisar a visão de sonho que me doirava a mente ao burilar as palavras d'estas *Cartas*, uma figura surgiria que as apagava. Essa figura é um astro. A sua chamma scintilla, o seu calor aquece. No seu seio palpita uma cratera, na sua carne agita-se uma fornalha. Tudo o que exprime a intensidade e a paixão tumultua nas suas fibras. Ella é uma estatua de Venus hellenica, no vaso animado d'uma Chrysis egypciaca. Essa figura és tu!

Ao escrever estas paginas, por vezes, numa allucinação de louco, eu julguei-me um esculptor da velha Athenas, e inspirado dos deuses. Por vezes tive a sensação de que fosse aquelle Demetrius do pais do Nilo, creando e realisando. Sempre, e em tudo, foste tu a chymera alada que pairou no ceu da minha phantasia e tirou da minha alma as tintas e as fórmas que tu lhe emprestaste.

A mocidade sorri-te. O sol da juventude doira-te as faces de poentes de purpura, e os olhos illuminam-se-te ainda com o dealbar das madrugadas na primavera. Pois lê este livro hoje

que és nova e que és bella. Reflecte as suas paginas. Guarda dellas a saudade. E quando fôres velhinha, relê-o ainda e medita-o, como se relê e medita um livro caro de horas e de orações.

Sêr-te-ha doce, minha linda, folheares mais tarde o volume que deixo no teu regaço. Elle te dirá, depois, como fôste e viva foi a energia do teu amor. Elle te recordará como do teu seio e dos teus labios as grandes aguas da paixão correram, e alagaram, e foram ferteis de abundancia. Elle te dirá como alguem soube lêr e soube comprehender as paginas da biblia excelsa que são os teus olhos e a tua bocca.

Que a tua modestia me perdoe os gabos com que te elevo. Se alto te colloco, é porque alto te vejo. Creatura da Terra, que a Terra pulverisará um dia, o teu espirito vagueia para além das nuvens, e toca Deus. Do mundo, das impurezas que o rodeiam, da miseria vil que o cerca, elle tudo ignora e desconhece. Tu estás mais alta que as estrellas. Tu vives para alem das estrellas, no infinito.

Lê o meu livro. Elle te dirá o que eu penso e sinto por ti, Mulher, entre as mulheres, symbolo da Mulher, eleita, espirito puro e supremo entre os espiritos!

Segunda carta

Sobre o conceito e as bellezas da Guerra

Minha cara Georgette:

Como o teu noivo partiu para a guerra, e morreu na guerra, tu, minha doce amiga, dizes mal da Guerra e blasphemas contra a Guerra. Ha na carta orvalhada de lagrimas e flammejante de indignação, que me enviaste, uns periodos que eu destaco. Elles concretisam o teu pensamento nitidamente. Tu escreves: «Eu não comprehendo que a justiça entre os homens, como entre os povos, se estabeleça matando e destruindo. Só a paz edifica. O homicidio, como a Guerra e o vandalismo, não constroem, e só derruem».

Como vês, minha pobre irmã, não é o teu cerebro que fala nas linhas que traslado. Não fala o teu raciocinio nas curtas palavras que transcrevo. Quem nellas fala, palpita, freme, é

o teu coração. A tua tão vibratil sensibilidade de mulher, sobrepõe-se á tua clara intelligencia de commentadora. A tua alma protesta, e o teu entendimento cala-se deixando-a expandir-se. Na carta que me enviaste, tão aquecida de paixão, tão repassada de saudade, tão alta pela alta grandeza de ti que a tracejaste — tu, minha querida, apenas me déste a revelação do teu amor pelo amigo commum que a morte levou.

Eu esperava de ti, minha bondosa irmã, que tu, tão firme sempre e tão serena contra o infortunio, neste lance horrivel fosses ainda a mulher que eu preso e que eu admiro. Desejaria vêr-te raciocinando a frio e calmamente. Ancearia por verificar que acima da tua qualidade de noiva, estava o teu espirito de creatura que observa os factos com imparcialidade e sem paixões. Eu aguardava tudo isso, e a tua carta tão ardente de passional emoção, chocou-me e desilludiu-me imprevistamente.

Não vejas no que te digo uma censura ao teu amor. Eu comprehendo como seja grande, e intenso e robusto esse amor. Vê tão somente a surpresa do meu espirito ante a fraquesa do teu espirito. A tua emotividade doentia venceu a tua razão tão firme. Um momento, tu que és ponderada e reflectida, arguiste a Guerra, condemnaste a Guerra, porque ella, de facto, matou o teu idial. Mas merecerá a Guerra a tua censura?

II

Eu sou, minha cara, daquelles que veem as cousas pelo prisma rigoroso e impessoal da realidade. E' brutal o processo; elle não tem poesia nem romantismo. Mas tem, para mim, o merito augusto de ser rigoroso. A sua exactidão supera os defeitos da sua belleza. Elle não engana porque é preciso. Elle não illude porque não disfarça ou mascara a verdade. Elle é sincero e franco, porque é a propria Verdade.

Falas-me dos horrores e da injustiça das guerras. E' natural. O teu noivo succumbiu na Guerra. Succumbiu luctando como um heroe, e foi vencido, e está morto. Mas, ao flanco delle, defendendo a mesma ambição e o mesmo direito, quantos que o acompanharam e que morreram tambem! Foi elle apenas? Não. Foram muitos. E todos, como elle, pelejaram de vontade, pela mesma fé de irmãos, pela mesma Patria augusta e redimida.

Não lamentes o que expirou. Elle foi livremente. Acabou-se no posto de honra que compete a um homem que é soldado. Morreu, não é verdade? Pois antes de morrer, matou. Se não tivesse morrido, podia ter morto aquelle que o matou. A Guerra é a estratégia e a força. O contendor venceu-o pela estratégia e pela força. Como arguil-o? Como arguir a Guerra em que a lucta pela força define a Justiça e orienta a paz no caminho da liberdade?

III

Tu vês os campos de batalha, e a tua alma confrange-se. O canhão ribomba. As suas granadas estalam, e despedaçam. A cada bala que explude, a morte espalha-se. Abrem-se clareiras nos combatentes. Os moribundos gemem; o chão está juncado de corpos trucidados e alagados em sangue. Por toda a parte, sob a chuva calcinante e destructiva do fogo, o ceu parece arder, e a tempestade dos ruídos abala os montes e os vales. No alto, pairam aves destruidoras. A metralha desce das alturas, como lançada por um deus de flagicios. Ha gazes asphixiantes que envenenam. Dir-se-hia uma pagina biblica de diluvio de fogo e de cinzas, arrasando, redusindo a pó e a incendio.

Tu vês isto, e horrorisas-te; tu maldizes as civilisações e os homens que crearam engenhos de guerra. Tu deploras que se matem homens como se caçam aves, e que se talem os campos, se destruam os templos e as cidades, se violem moradas, e dos conventos em que vivem as eleitas de Jesus se façam prostibulos. Tu indignas-te contra tudo isto, e tens razão. Mas que fazer? Como remediar? Conheces tu, ou concebes, a possibilidade de remediar?

Eu, por mim, não a concebo, nem a admitto. A Guerra é barbara, é sanguinaria, é horrivel; mas ella é fatal e é necessaria. A Guerra é, na vida dos povos, a eclosão violenta de novas estabilidades e de novas forças. Ella é, nos povos gastos, nas immobilisações largas, o caustico que

dá novos alentos e novas vidas. Sem a Guerra os povos seriam improgressivos. Sem as guerras a humanidade não caminharia.

IV

A justiça da tua causa para commigo, é-te facil realisal-a. Um juiz nos ouve e nos julga. E esse juiz tem força, a sua sentença é respeitada e cumprida. Para respeitar e cumprir essa sentença, todas as forças dum país se levantariam, se fosse mister. O teu direito objectiva-se com facilidade. Os codigos preveem-no; tu invocal-o; o magistrado reconhece-to. E era isto que tu pretendias entre os povos? Era esta justiça, tão commoda e tão simples, que tu pedias que se generalisasse ás nações entre si? Como te illudes!

Só a tua candura e a saudade do homem que te pertenceu, e cuja vida se confundiu com a tua, poderiam obnubilar-te o raciocinio até este extremo. Aquella justiça facil e expedita dos Estados, não é a justiça do internacionalismo que tu vulneras. Aquella é benevola e rapida. Esta é maldosa e longa. Uma realisa-se tranquillamente e em paz; a outra é feita sobre um mar de sangue, a morte e a miseria dos combatentes.

Sim; sem duvida; assim é. Mas como não reivindicar a necessidade e a belleza das duas fórmulas de realisação da harmonia juridica entre os individuos e entre os povos? Apesar de dissimilhantes, de contradictorias mesmo, as duas fórmulas tem o mesmo fundamento de stricta

necessidade, e o mesmo fundo de grande e de suggestiva belleza.

Comparemol-as, confrontemol-as, e apreciando-as nos seus factores e nos seus processos, o nosso espirito rende-se. Preoccupações ou prejuisos são inuteis ante os factos e a evidencia. Porque não equilibrar a justiça da Guerra com a justiça particular?

V

Condemnas a selvatiquesa da Guerra. Pois a Guerra é hoje ainda o unico recurso para que podem apellar as nações carecidas da effectivação dos seus interesses. E' a força que as torna triumphantes; são os cercos, as destruições, as mortes, os incendios, as pilhagens, os saques, os vandalismos que as convertem em vencedoras. E' verdade. Mas como evitar aos exercitos embriagados pelo odio e pela ancia da victoria, que elles se convertam de homens em cannibaes?

A Guerra é como um festim. Os fumos da polvora e o estrondo dos canhões e das bombas, entontecem. A' vertigem succede-se a loucura. O sangue é um fermento de enthusiasmo e de mais sangue. Os despedaçados, os mutilados, os cahidos no campo, fazem nascer os instinctos da desafronta. A desafronta converte-se na vingança, a honra do soldado converte-se no banditismo execravel do assassino. Toda a multidão armada soffre dos vicios das multidões conduzidas por um desespero ou por uma paixão.

E falas tu na injustiça das guerras. Quaes os tribunaes para julgar os povos nos seus litigios? Onde os encontras tu, tão fortes e tão insuspeitos, que a sua sentença seja um veredictum inapellavel e reconhecido? Citar-me-hias a arbitragem. Mas eu sorri-o. As chancellarias sorriem. O derruir da metralha, e o fogo dos incendios e as hecatombes são as respostas das nacionalidades á ingenuidade infantil dos pacifistas.

A Guerra é a justiça internacional. Só pelos canhões os povos se harmonisam. Toda a Historia é feita sobre o alicerce dos cadaveres dos vencidos, e das ruinas das cidades postas a saque. A humanidade avança ao alento das polvoras, e ao ribombar da artilharia. Vence e melhor o que mais mata e o que mais rapidamente sabe matar. Os homens nada valem. Valem as armas. Valem das armas as mais fortes e de melhores explosivos. Um povo inteiro pode ser derruido pelo fogo mortifero e destruidor dum só regimento.

Amaldiçoar a Guerra, anathematisar o ferro e os explosivos como um crime, não é dos que conhecem os povos, a alma das raças, e o caminhar da Historia. A Guerra é filha da Historia. A Historia é a historia das luctas dos povos na tarefa secular da sua alforria e do seu triumpho. Um povo assassina outro povo para sobre elle prevalecer e viver. Se o não mata é morto por elle; se o não subjuga a elle é por elle esmagado e vencido.

VI

O teu noivo, minha doce amiga, é o martyr d'uma ideia de redempção. Morreu como devem morrer os homens e como devem morrer os povos. Toda a vida é uma guerra, é uma lucta. E na Guerra, nas luctas, o triumpho é dos que mais podem. Não luctar, é cobardia. Ser vencido luctando, ou vencer luctando, é patriotismo, é heroicidade. Teu noivo foi vencido, luctando; elle é heroe; como heroe deves recordal-o.

O Amor é um sentimento que enfraquece quando o amor se individualisa. Só é grande o Amor impessoal e vasto; o amor d'uma raça que é nossa, d'um solo que é nosso, ou d'um principio que nós proclamamos e defendemos. O amor assim é um amor que se nobilita e se impõe; é um amor que nos consagra e nos aponta á posteridade. E' um amor que os povos reconhecem e as paginas da Historia nobilitam egregiamente.

Lamentar os que morrem nos campos das batalhas, é deshonrar a memoria illustre dos seus nomes. A esses devemos olhal-os com alegria e invejal-os. Elles foram felizes. Elles não temeram. O seu sangue vertido rega o solo da Patria como chuva de Deus. Esse sangue é uma chuva benefica e uma semente. Os seus fructos são magnificos. D'elles eternamente colhem os paizes que tem passado.

Para alicerçar um povo e para marcar perante o mundo os destinos fortes d'uma nacionalidade, é preciso o braço dos seus filhos. Uma lucta tremenda envolve os interesses dos povos.

Elles não são irmãos. São feras que se sentam á meza do mesmo banquete e que se olham desconfiadas. São como mastins esfaimados, em volta da presa, mastigando e roncando. No primeiro momento, o bocado é pequeno, o do visinho maior, e arremeçam-se, abocanham-se, despedaçam-se.

Toda a surda ou ostensiva guerra do mundo é uma guerra de interesses materiaes ameaçados ou postos em duvida. As nacionalidades, como as feras, despresam a paz edenica, e o romanticismo da arbitragem, pela lucta armada. Os canhões, os explosivos, os asphixiantes e as machinas aereas redobram em cada dia a sua potencia e o seu numero. A phantasia destructiva do homem não tem balisas. Ella é ampla como o seu odio e a sua vingança.

VII

Deixa, pois, que os homens se entrechoquem e se despedacem. Onde vão, n'esta hora triste, as doces palavras do doce Jesus! Ellas jazem esquecidas nas paginas do Novo Testamento. São fórmulas sem senso e vazias. Vinte seculos as conspurcaram e as contradisseram. Gerações intérminas as andaram prégando e as andaram sophismando. Que resta do seu conceito? Que resta da sua essencia? Nada ou pouco, se pouco resta...

Tu, que és boa, e és pura, não conheces a Humanidade e ignoras o que seja a Vida. Pois

vê a Humanidade e estuda a Vida. Vê uma e estuda outra com calma e desapaixonadamente. Verás o que colhes do teu exame. Se és crente, serás desilludida. A força da verdade fará ruir os castellos de cartas da tua mente romantica. O sonho e a idialidade transformar-se-hão em positivismo cruel e realidade. E não extranhes. Toda a existencia é uma lucta. Desde as nebulosas primitivas, aos mundos actuaes e ao homem, tudo tem pelejado e luctado heroicamente. Toda a existencia é uma cadeia de victorias e de derrotas. Os que triumpham fazem o seu pedestal sobre os que cahiram. E não tem pena. O triumpho é uma alegria. O triumpho, para alcançar-se, é cego nos seus processos, é descoroavel e absoluto na sua acção.

A Guerra é, para os que a vencem, um jubilo. Que importa que milhões morram, e as orphandades e a viuvez cubram meia humanidade de lucto e de fome? Os que sahem victoriosos esquecem os degraus do crime que subiram para alcançarem o capitolio da victoria. Eles não olham para traz. Não os incommoda o espectaculo dos mortos e as devastações. Elles não dão tento das ruinas e dos incendios. Elles não ouvem os gritos dos moribundos nem as queixas dos mutilados. Elles são cegos ante as miserias. Elles não escutam as maldições dos povos, nem as imprecações das almas dos mortos cahidos nos campos. E porquê, se esse espectaculo os importunaria?

Aos que vencem apenas o futuro os deslumbra. Os seus olhares voltam-se para a frente. E' o porvir que os namora. Os povos esquecem

a base de sangue em que se apoiam os seus alicerces. Para elles, o interesse é o seu thema, o seu predominio e a sua bandeira; a Guerra é a fórmula sagrada da sua justiça. Não chores, pois, o teu noivo que morreu na guerra!...

Terceira carta

Sobre a felicidade do casamento e dos filhos

oa e gentil Julieta:

Tu pensas em casar mas, no fundo, tens receio de casar. Qual, de facto, o motivo do teu receio? Decide-te. Conheceste Guiomar, a linda Guiomar? Pois Guiomar casou. E a mim, que, como sabes, fôra o confidente caro da sua mocidade, dos seus anceios, do seu amor, mandou-me ella, um anno volvido sobre o casamento, esta doce carta que vou trasladar:

I

«Escrevo-te de manhãsinha ainda — dizia-me ella, no seu cursivo tão nitido —. O sol macio entra-me pelos stores verdes da janella, e enche

de claridade de esmeralda a mesa em que escrevo e o papel em que te falo. Tudo em redor de mim, me diz paz serena e felicidade completa. Os pequeninos moveis lacados de branco, os quadros suspensos das paredes, as avencas que choram folhas sobre os grandes vasos, as rosas das minhas floreiras, a luz que tudo atravessa — o que me rodeia, o que me illumina — tudo isso me é caro e me torna a existencia facil, fluente como um manso regato que murmura e deslisa.

Sou rica. Nada me falta. Visto com o luxo principesco que é caro á minha vaidade, tenho immensas joias, e viajo e divirto-me com os confortos duma gran-duqueza. No meu palacio ha tudo o que representa o gosto, o requinte e a arte. Meu marido, adora-me. Eu sou a sua paixão, o seu mytho, o seu idial. Se o Amor existe, elle ama-me loucamente. Ama-me como pode amar um homem, que é, como elle o é, um homem de finissimo talento, de suprema distinção e de nobreza eleita.

Nunca entre mim e Armando, atravez deste risonho ceu tão azul, doirado por um sol tão bello, uma nuvem se interpoz. Casamos ha doze mezes, e a nossa viagem de nupcias dir-se-hia feita nos espaços, acima dos nimbos, onde não chegam os ruidos da Terra, nem os embates das tempestades. Os dias decorrem para nós na calma suave dum rodar de relogio perfeito. Nada os perturba, nada escurece a sua claridade maviosa, o seu idilio gorgeante como a voz dos rouxinoes.

O homem que escolhi, na alheação devota do seu sentir por mim, tem-me nos seus livros e

poemas comparado a uma deusa. Elle adora-me. Fala-me de joelhos como se fala a uma divindade. Beija-me as mãos em que as perolas reluzem. Vejo-o aos meus pés, formoso como um Apollo, orando e envolvendo-me com os seus sorrisos. Eu correspondo ao seu amor. Somos dois seres que uma paixão liga, que se fundem, que se unificam.

II

Tu sabes, meu amigo, como entre os dois, suavemente, quasi imperceptivelmente, nasceu e se creou a sympathia que nos uniu. Conhecemo-nos; e, conhecendo-nos, lentamente nos bem quisemos, e afinal nos amamos. De amigos, dentro em pouco eramos, pelo trato e pela convivencia, pelo olhar e pelas palavras, pelo sentir e pela alma que dentro em nós vive e vibra — os noivos e os esposos. Estamos casados. Somos amigos e somos amantes.

Não foi por futilidade, ou capricho, que nos ligamos. Foi porque entre os dois se estabeleceu e radicou um vinculo mais forte. Os nossos sêres descobriram a afinidade que os prendia. Prescrutando-se, chocando-se, de meros conhecidos que a principio se apresentavam, elles reconheceram, por fim, que mais alguma cousa eram. Elles reconheceram-se gemeos; reconheceram-se irmãos. Os nossos espiritos são espiritos afins e são espiritos irmãos.

Custa a crêr, como duas vidas que dois cor-

pos encarnam, podem assimilhar-se e parecer-se desta maneira. Dir-se-hia que Deus formou as almas aos pares e as dispersou. Dir-se-hia que um acontecimento providencial nos juntou e que somos, eu e elle, um desses casaes que Deus prepara no seu seio, e espalha e dessimina pelo mundo, deixando ao acaso e á fortuna, o acaso e a fortuna de se encontrarem.

Eu sou feliz; immensamente feliz. A Felicidade não se busca, deve encontrar-se sem se procurar. E eu encontrei a Felicidade sem a procurar. Ella veio ao meu encontro. Somos dois viajantes que se encontram em caminhos que se cruzam, e a que uma força estranha guiava os passos, para que se vissem e juntos seguissem.

A que podia eu mais aspirar? A que vida, a que existencia de maravilhas tinha eu direito? Eu possuo tudo. A ninguem invejo e a ninguem odeio. A existencia é-me tranquilla, como é tranquilla a passagem duma aza que desfere o azul, e vôa, e desaparece. A propria saude em mim viceja e em mim floresce. Estou bella. Estou muito mais bella depois que casei. O casamento deu-me mais fórmas, rosou-me mais as faces, tornou-me os olhos mais brilhantes e o porte mais gentil e mais digno. Estou formosa. Estou incomparavelmente mais formosa do que era dantes.

O proprio espirito, que por vezes me soffria de tristeza e de agravos, hoje é limpido e em paz. Nada me apoquenta. O futuro sorri-me. Amo e sou amada. Os que me conhecem admiram-me. Tenho cultores devotos do meu pundonor de esposa, e dos meus dotes de mulher culta e aristocrata. Tenho uma côrte. Os que nos frequentam

a casa são os thuribularios dum rito de que eu sou a deusa e de que elle é o meu deus e o deus dos outros.

III

Sobretudo, maior que um sol, brilhante como os soes dos mundos de muitos soes, uma alegria me doira a existencia. Eu tenho um filho. Tu que tens duas filhas, não ignoras o que seja a posse dum filho! Eu tenho um filho, e esse filho é a conjuncção de dois sêres, que são o meu proprio sêr. Dois sêres o geraram, dois espiritos lhe deram o espirito. E, afinal, os tres sêres são um sêr, como os tres espiritos se fundem num espirito!

Foi do meu ventre que sahiu, como sahe duma semente, a haste pequenina que é esse corpo de neve branca e de innocencia. Foi no meu seio que se gerou a sua carne. Foi da minha carne moça, que brotou a flôr de candura e de belleza que elle é na Terra. Elle é a vida da minha vida, o corpo do meu corpo, o sangue do meu sangue.

Para geral-o, eu soffri; para dal-o ao mundo, eu soffri ainda. Eu soffri e chorei. Os meus soffrimentos e as minhas lagrimas ensinaram-me a ser Mãe, e a amal-o mais que a mim mesma. Eu penei por elle. Foram as minhas dôres a paga da sua posse. Se eu não soffresse por elle, não tinha direito a elle. A posse de todos os bens deve ser paga. A Felicidade, para merecer-se, deve custar sacrificios. Se eu não padecesse

para adquirir o meu filho, não tinha direito ao meu filho!

Bemditas as mães que soffrem e que á Vida trazem novos sêres! Bemditos os ventres que o Sol bafeja e que desabrocham em flôres de carne, em chammas de espirito, em creaturas bafejadas por Deus! Bemditos os seios que dão aos filhos o sangue das mães transformado, e os criam! Bemditas as dôres da maternidade, que prenunciam as madrugadas das existencias! Bemditas a fecundidade das mães, e os olhares do céu que protegem os filhos e os conduzem pela existencia.

IV

Sou Mãe. Sinto-me mulher. Sinto-me maior que eu propria. Criei um novo sêr. Elevei-me perante a Natureza. O sêr que não cria, que não géra, que se não propaga, que se não diffunde, que não vae, como uma essencia, rolando, disseminando-se, é um sêr inutil. Eu criei. Não sou um sêr inutil. Sou Mãe. Toda a mãe procria, géra novas vidas, é uma fonte perenne da Vida.

O meu filho é bello como um astro. O seu corpinho reluz. E' uma chamma. A sua carne é feita de espumas, e os seus olhos são diamantes. Tenho-o aqui junto de mim. As suas faces são de rosas esfarelladas, tem dois dentes que branquejam como duas perolas, e as suas unhas são como o nacar mais fino. Todo elle brilha e é formoso como um pequeno deus helleno no berço duma concha.

Nelle, no meu filho, se encerra a minha esperança. O meu filho é como um escrinio de joias. Nelle, a Esperança, a minha melhor joia, se encerra, bem fechada. O meu filho vale um reino. E' uma maravilha. E' a obra do meu carinho e do meu amor. Por elle, pelo meu filho, eu daria a fortuna, a saude, e a vida.

Por elle, pelo meu filho, e pelos filhos dos meus filhos, eu viverei, eu reviverei perennemente, eternamente, continuadamente. A minha existencia transferiu-se á sua existencia. A sua existencia passará ás existencias d'aquelles que em pós vierem. Um rosario largo de existencias fará com que a alma que em mim vive, continue vivendo e gosando pelas gerações.

Ter um Filho é ser immortal. As mães não morrem. Nunca as mães morreram. Nunca a arvore que deu fructo e deu sementes, e o ventre que concebeu um sêr e o deu á luz — morreram. Só morrem os infecundos como a pedra. Só perecem aquelles no seio dos quaes se não agita uma força creadora, e que são estereis. Mas os outros, os fortes, os genesicos, os creadores — esses triumpham, tem a posteridade, e o futuro que os chama e lhes faz a apotheose.

V

Tenho um filho! Ás vezes, e quantas vezes, detenho-me d'aqui a olhal-o e a pensar. O' vãos sonhos que sonham as mães olhando os filhos! Que estranhos sonhos que as mães sonham! Como

a sua alma divaga, e se perde entre as nuvens, idialisando para os filhos o futuro que lhes apetece. E é tão bom phantasiar ao sabor da phantasia mais alta, a Felicidade que se ambiciona e tão difficil é de adquirir.

Mal calculas tu, meu amigo, a que eu aspiro para meu filho! Vel-o principe, e vel-o sobre um throno. Vel-o um rei dominando povos e commandando exercitos. Encontral-o, accaso, general famoso, em frente das batalhas, e vencedor de povos. Desejo-o ainda um sabio, um artista ou um escriptor. Quero-o forte pelo pensamento, egregio pelo talento, fulgurante pela palavra e pela penna. O meu filho! Que virá a ser o meu filho?

Não ha mãe que não ambicione pelos destinos do seu filho. Todas as mães idolatram os filhos. As mães preferem a morte dos filhos, á sua ruina. Quando um filho cahe, a mãe succumbe. Quando um filho se exalta, se eleva e se torna maior, com elle a mãe se exalta, se ergue e se sublima.

Ditosas mães que vêem os seus filhos galgarem a ladeira da Vida, e caminharem serenos e altivos no caminho da victoria. Os seus olhos illuminam-se de felicidade, os seus peitos arfam, os seus labios murmuram preces fervorosas. As mães vibram, são como cordas de harpas, ante o prestigio que bafeja os filhos, e os alça, os converte de homens em semi-deuses.

Pobres das mães que assistem, com o coração opresso, a alma sanguinosa, á ruina dos seres que o seu ventre gerou. Para ellas, a catastrophe dos filhos é mil vezes mais tragica que a

propria catastrophe. Mil vidas que ellas tivessem, sacrifical-as-hiam, dal-as-hiam pelas dos filhos, se l'has recebessem.

VI

O sol d'oiro entra pelas minhas janellas. O meu filho dorme n'estes instantes em que te escrevo. Uma restea de sol coado pelas persianas verdes vem aguar de esmeralda as rendinhas do seu berço. O meu filho lembra uma joia no seu escrinio branco. Ao vel-o uma santa imagem se evoca na minha mente. E' a d'aquella soberba imagem de Jesus dormindo, que Murillo pintou no seu «Repouso no Egypto». Ao fundo, no quadro do mestre estão os montes, e estão as arvores. Vê-se o onagro legendario da jornada. S. José olha o filho. O filho, cheio de claridade, dorme em roupinhas claras. A Virgem desvanece-se a fital-o. Dois pequeninos anjos alados, gordinhos e brancos como pedaços de luar, espreitam-no e admiram-no.

Assim, em verdade, como meu filho, deveria ser o divino Mestre, infinito de belleza, cheio da graça dos anjos, branco da brancura da estrella d'alva, nos momentos em que decorreu a sua meninice. Pobre, e nas palhas, sobre os fulvos linhos lavados pelas proprias mãos da Virgem Santissima, elle deveria parecer-se com o meu menino. Se eu péco pela comparação, que a Mãe das mães, a Mãe suprema, me salve da intenção de offender seu Filho.

N'este segundo que decorre, uma pontinha

de sol attingiu-lhe as faces. E como essa pontinha de sol as pôz claras, luminosas como fachos de estrellas! Elle move-se. Mechem-se-lhe os labios pequeninos n'um movimento calmo. A pontinha rubra da lingua, apparece-lhe e desapparece. Os olhitos abrem-se-lhe e tornam-se-lhe a cerrar. O meu filhinho dorme; o meu filhinho sonha!

Elle dorme! Elle sonha, accaso! Que sonhará o meu filho? Oh doces sonhos de creança, emballados pelas fadas e pelos mythos! Como é bom o remance que nos seus espiritos se entretece! Como n'elle ri a Felicidade, canta a Ventura! Quem me dera assim menino, e como o meu filho devaneando, como elle divagando e sonhando!

Se tu, meu amigo, tivesses um filho como o meu, tu comprehenderias qual a somma de bem, de ternura, de perfeição, se encerra n'esse pedaço do meu corpo que é um desdobramento da minha alma. Um filho, nosso, como é lindo! Somos nós proprios rejuvenescidos. Somos nós proprios que de velhos nos fazemos creanças. Acarinhar e bem querer a um filho, é acarinharmonos e bem querermo-nos a nós mesmos quando meninos.

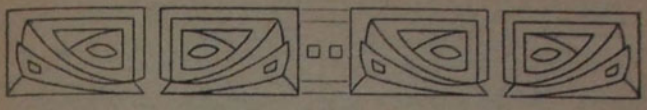
Querias saber se eu era feliz e conhecia a Felicidade. Esta minha carta busca dizer-to. Que pensas de mim? Não me invejas? Não me supões a creatura, dentre as creaturas, a mais ditosa? Escreve. Dá-me noticias da tua alma. Vou terminar. Sabes porquê? E' o meu filhinho que acordou, faz beicinho, choraminga. Que quererá o meu filho?

Já sei. Tu mesmo o adivinhas. Quer o meu seio, quer o meu leite. Elle quer mamar. Vou dar-lhe de mamar...

E diz-me agora se a gente não tem obrigação de bem querer e de amar aquelles que criou com os fructos da sua carne, com o seu proprio e aquecido sangue!

Quarta carta

Sobre o amor divino e o amor humano



inha formosa Adria:

Lê estas impressões dolorosas que te envio. E' uma carta, é um poema, é uma legenda que os teus olhos vão meditar. Lê e guarda para ti estas linhas que na febre traço, e que na cella duma freira delineio á pressa para que nellas penses, e nellas reflictas:

I

Tenho aqui, diante de mim, um cilicio de monja. E' de ferro, com argolas, semeado de pontas, formando cada argola uma especie de cruz de espinhos, como a que colocaram na cabeça do Nazareno. Olho esse cilicio, e nelle vejo ainda,

na corda de esparto que o prende, os vestigios do sangue que fez brotar. Esse sangue endureceu, empastou e está negro.

O cilicio não traz a marca dum nome, não acusa qual a monja que o usou, a carne de martyrio e de penitencia que o cingiu. E' inominado, como inominadas são as dores que elle produziu. Dellas, dessas dores, dessas anciedades horriveis da alma que delle se utilisou, do corpo de renuncia que ao corpo o apertou, nada sei. Sei apenas, e isso me basta, que uma creatura existiu, e que essa creatura o usou. Era nova, era bella, era formosa? Ninguem o sabe.

A dôr dessa mulher que se exilou do mundo para se aproximar de Deus, é uma dôr que se respeita. O seu nome e a sua memoria pedem o esquecimento. Ella afastou-se da Terra para que a Terra a não visse. Ninguem tem o direito de devassar o mysterio da sua individualidade extincta. Um momento gosou, acaso, a vida livre, gosou o sol, enthusiasmou-se com a Natureza em festa e a ella sorriu. Mas, depois, um pensamento lhe veiu, uma tortura, uma ambição de infinito, e não se conteve mais. A vida livre da Terra era para ella uma prisão. A Terra é estreita; mais ampla que a Terra é o ceu em que ella está.

Qual de entre nós que amamos o mundo, e preferimos á miragem do alem esta existencia que nos degrada e que nos entristece, pode comprehender a tragedia dum espirito que sáe do mundo da Vida ephemera, para trilhar a esteira que leva ao mundo da Eternidade? Este cilicio que eu olho é, no calvario duma mulher que não conheci, e cujo poema de magoas se perde entre as pare-

des frias duma cela, uma pagina de sangue que jorra vivo, e que illumina. Este cilicio cheio de espinhos, pungente como a corôa sarcastica de Jesus, faz-me pensar. Não sei que memorias doces, e suaves, e cheias de Esperança, e de mocidade elle me faz lembrar, na creatura que depois o cingiu! E não sei que evocações amarguradas, e supliciantes e lacrimosas me faz sugerir, na isolada e pobre monja que afinal a cingiu!

Morreu, porventura, essa monja? Vive, sob a terra humilde de qualquer cemiterio longinquo, coberta de rosas, sob os cedros que gottejam o orvalho da manhã. Um nome pequenino, a que se mistura a invocação dum santo, ou duma graça divina, se junta ao nome que adoptou quando se fez noviça. Da Terra em que viveu, dos nomes que usou, daquelles que, pelo sangue ou pelas ligações mundanaes lhe bem quizeram, nada conserva. No instante em que entrou as portarias do mosteiro, e cortou os seus cabellos, se vestiu de branco, e disse adeus áquelles que a seguiam, com a pesada porta de ferro que se fecha para o claustro, a sua vida se afastou para todo o sempre dos seus e do mundo em que vivera.

Era, acaso, mocinha ainda; tinha os cabellos negros como azeviche, um rosto de anjo que os anjos namoravam e a bocca como um gommo de romã madura, — quando, certo dia de Nossa Senhora, entrou a primeira vez no côro do seu convento. As companheiras, mocinhas como ella, estavam aos lados, como ella vestidas de branco, e tão alvas como os lyrios de S. José. A' frente, as graves madres dominicanas, com os escapularios pretos, as grossas contas de azeviche, a cruz

de Christo pendente, e de roupagens de flanellas brancas, cantavam. Respondiam-lhes em côro as noviças, exaltando em vozes celestes as graças do Salvador.

O orgão tinha nessa doce manhã um som mais doce. Certa madre illustre, que descendia de reis, e trocára um throno por um habito humilde de S. Domingos, punha no marfim das suas teclas a magia duma musica de sons divinos. Outra, que dum solar de Alemanha até ali viera, quebrando sobre o Rheno a corôa de duqueza, cantava a espaços. Era como se dos ceus a sua voz descesse, e os coros dos cherubins se fizessem entender dos mortaes.

Suponho vêr a pobre monja que cingiu ao corpo de martyr este cilicio que aqui tenho, nesta festa de tão casta virtude, e de tão immaterial enlevo. Calculo como a sua alma se commoveria. O seu pequenino espirito deveria ter-lhe voado, sentindo azas. Toda a sua existencia passada, os seus pezares, os seus infortunios, as suas fomes, as suas proprias alegrias e enthusiasmos, ter-se-hiam dissolvido, dispersos, anniquilados nesse instante maravilhoso da sua iniciação de vida claustral.

Ella, a desconhecida, sentiu-se, acaso, nesse momento, na posse indefinida da Felicidade. Rainhas, reis, poderes da Terra e magnificencias, nada ella pensou que não trocasse pela ventura daquella mansão de Deus, em que a alegria era como o Sol, luminosa, e só era inditoso aquelle a quem o ceu condemnava, e S. Domingos repellia do seu grande coração de fundador duma grande familia de servidores de Christo.

II

Tenho, sob os meus olhos, o cilicio duma mulher que, por amor de Nosso Senhor, se encerrou num convento. Morreria já, como eu disse, ou vive ainda, e soffre ainda, algures, num canto da Terra, longe do mundo que ella deixou? Acaso viverá. E' possivel. E é nova; tenho o pensamento secreto, uma secreta voz me diz, que vive ainda, e que é nova, que uma ridente e risonha belleza lhe marca as faces cançadas de chorar.

Olho o cilicio! E pergunto a mim mesmo qual a causa deste sangue que vive ainda, e o tempo não pulverisa, e se préga aos gumes deste flagicio, como se aqui quizesse permanecer eternamente, eternamente colado ao instrumento de tortura que o produziu. E então me lembro, (—e Deus me perdôe se disto me lembrando o ceu me pune—) se a creatura que um momento cingiu á sua carne o ferro deste suplicio, não foi alguem que muito amou na Vida, e desesperada de amar, se refugiou num claustro. As campas dos velhos conventos estão cheias de restos de formosas e lindas monjas, que as graças fadaram para o mundo, mas que o mundo, ingrato, repelliu de si. Quem nos diz, que esta corôa de sacrificios, não seja o flagicio da sua desventura, imposto por ella á ambição devorante da sua carne?

E reflicto. Amou, porventura, essa creatura, que me legou a mim, seu ignoto herdeiro, este pedaço de ferro, simbolo e instrumento do mar-

tyrio que as almas de Jesus impõem ás suas carnes. Foi nova, e divinamente bella, e perturbadoramente formosa. Acaso opulenta e nobre, com um brasão de fidalguia illustre, sobre o nome de tradições heroicas. Um cavalleiro a quiz, ou um bravo soldado que morreu na guerra, e de si, para sempre, a apartou. Ella, a moça linda, não chorou quando lhe deram a nova de que nas terras de Africa, acaso na India, ou algures, onde os homens se guerreiam e se matam, o seu galhardo moço fôra morto, e com elle o seu grande amor se finára.

Ella era nobre e altiva. A sua fronte não se abatia, nem a desventura da sua existencia a faria nunca dobrar. Recebera com resignação a noticia. Chamou os seus, vestiu de luto o retrato do homem a quem amára, e dos seus se despediu, como se morresse. Disse desejar enterrar a sua mocidade no convento mais austero, de vida mais austera e dura. Quiz ser monja, e partiu para o convento. Desesperada da Felicidade da Terra que a Terra lhe promettera, procurou a Felicidade na paz e no esquecimento da mansão religiosa que elegeu.

Mas — Deus lhe perdôe á sua alma, se a sua alma soffre! — porque alli mesmo, querendo renunciar ao mundo, o mundo do seu espirito se não apartava? Pelo homem que morrera, o seu coração pulsava ainda. Diziam-lhe que amasse a Jesus, e que do mundo esquecesse as lembranças malfazejas, e as pompas vãs. Mas ella, por vezes, esquecia a Jesus, e a quem recordava era ao mundo e ao cavalleiro que lhe jurára amor. Soffria, angustiava-se como se uma cruz lhe li-

gasse os braços e os pregos do madeiro a sangrassem.

Uma noite, tivera, porventura, um sonho pânico, uma visão tremenda. Vira-se, sem saber como, sobre o Golgotha, em que Christo expirára. Dois legionarios de cascos metalicos, as couraças fortes, as pernas musculosas e duras, os braços de bronze, estacionavam, immoveis, junto a tres madeiros em que tres crucificados pendiam. Ella não vira, não lográra vêr, na escuridade da noite, as physionomias dos padecentes. Mas via, nitidamente via, que mulheres tostadas do Oriente, com grandes roupagens de côres escuras, e enrodilhadas no chão, lacrimosas, choravam e falavam baixinho, como velando na morte os supliciados.

Aproximou-se então. Perguntou, de mansinho, a uma das creaturas que, de momento, se calára, quem, nos madeiros altos, soffria da ignominia de tal sentença. A que respondeu, foi Maria de Magdalo, que as gerações chamam Magdalena, e que o filho de Maria amou. E ella lhe disse, apontando:

— Tu vês aquelle que alli está no meio? Aquelle é Jesus. Aquelle é o Homem. Por elle me salvei, e por elle soube o que era o Amor.

— Mas foi justiçado, porquê?

— Crucificaram-o porque amava mais aos outros que a si proprio. Elle derramou o Amor, prégou a verdade do Amor!

— E porque vens tu aqui, porque estás tu aqui, velando o justiçado?

Maria volveu, soluçante:

— Eu, perdida pelo mundo, andára errante, sonhando o Amor, e sangrando sangue em busca

do Amor. Mas nunca topára o Amor. Vi um dia Jesus, e ouvi a sua voz. Elle viu-me e acolheu-me, como arrependida. Acompanhei-o sempre. Amei-o com o meu corpo de belleza e com a minha alma que elle tornou pura como uma pomba da Arca. Elle morreu; mas ensinou-me a mim, e por mim ao mundo, o que era o Amor!

E olhando a desconhecida:

— Tu és mulher. Não é verdade? Pois vae, como mulher, pelo mundo, derramar a doutrina que Jesus prégou.

— Assim o farei — disse ella.

III

A ignota monja quedou-se para alli, na vertigem do seu sonho diabolico e cruciante. Apoiou-se sobre um morro, aguardando o dia. Pareceu-lhe que ia adormecer, cançada dos trabalhos da jornada, vencida dos nervos por aquelle espectaculo tremendo. Adormeceu, exhausta; e acordou quando já os lumes do Oriente cobriam as montanhas, e Jerusalem dos prophetas se aclarava nas suas casas, no seu templo forte e nas suas ruinas de tão velhas tradicções. E despertando, sem querer, olhou os crucificados que, enegrecidos já, de faces pendidas, olhavam a terra. O sangue gotejava-lhes dos pés. As feridas dos pregos rasgavam-se-lhes nas carnes como boccas de revoltados clamando vingança.

Ella ergueu-se, quiz ver melhor, e aproximou-se. Mas, então, com um grito enorme, ster-

teroso; um grito que abalou os legionarios, e alvoroçou, no seu torpor, as companheiras do Mestre, ella apontou o crucificado do meio, e disse, sacrilegamente disse, n'uma voz de angustia, n'um gesto de desespero e de apostrophe:

— Mas este, — ceus que me ouvis e bom Deus que me ouvis — este não é, não pode ser, esse Jesus que vós apregoaes!

Magdalena ergueu-se, travou-lhe do braço, e bella como uma deusa, exclamou:

— Mulher! d'onde és tu que negas a Verdade, e desmentes na morte aquelle que declarou a Verdade e é filho de Deus?!

Um legionario confirmou:

— Sim; podes acreditar. Esse é Jesus Nazareno, a quem chamaram o rei dos Judeus!

Ella, a desconhecida, desprendera-se dos que a seguravam. E estava agora junto da cruz, beijando as santas gottas do sangue, beijando as santas chagas, beijando do Mestre os pés arroxeados e santos. Mas cahiu por terra; ergueu-se depois; e pondo-se de joelhos, gritou, com uma voz que gemia, dolorosa e intensa, como um suplicio:

— Mentis, cães e vis filhos de phariseus! Este não é Jesus, porque Jesus não é d'este mundo. Este, de amor crucificado, é o homem que eu amei, e por mim morreu. Não é Jesus, é o meu amor!

Teve um impulso histerico. E accordou, com a luz da manhã que entrava pelas grades da sua cella, e incidia, como um reflexo divino, sobre o episodio do Golgotha, que um pintor barbaro desenhara nas côres apagadas d'um velho retábulo.

IV

Depois d'isto, muitas vezes, por certo, a visão sacrilega surprehendera a monja, por noite alta, quando as estrellas vigilam, e a lua brilha. Muitas vezes, a Jesus que ella devia amar, ella substituiria o homem, que, com effeito, amou. Jesus, na cruz, morto, e branco como uma hostia, era, por vezes, aos seus olhos de enferma, o outro, que, como Jesus, o crucificado, tambem lhe ensinára o Amor. Mas um, Jesus, o Nazareno, como que se apagava. O seu amor era o amor por tudo e por todos, sem distincções. Emquanto que o amor do cavalleiro era sómente o amor por ella. E ella, a pobre monja, sem o querer, confundia com a figura do cavalleiro a figura de Jesus. Mais ainda: ella preferia á carne santa do Mestre doce e illuminado, a carne, á carne do Mestre similhante, do homem que um dia a amára! Era um pecado, era um crime da sua alma que a perdera, mas era superior á vontade fraca e á razão. E soffria; a sua alma era como a rocha que os vendavaes açoitam, e o seu corpo como o corpo do naufrago que os corvos marinhos devoram nos cumes das altas ondas.

V

Vejo deante de mim o cilicio da tortura. Acaso esse cilicio era um dos occultos tormentos com que a monja, arrependida e temendo o in-

ferno, se castigava, sangrando-se do mal sem remedio de ter amado. Ella, mais peccadora que todas as peccadoras, trocara, na mente em febre, o corpo de Jesus pelo corpo do amado. Estes espinhos de tormento se falassem, se contassem, porventura nos narrariam os passos lentos dum calvario de agonias ainda não conhecidas, de dores ainda não reveladas. Cingindo-se ás carnes, premendo-as nos seus élos, estes ferros acerados sentiram as ancias crueis da monja, ouviram os seus suspiros, foram testemunhas de tormentos da alma que a despedaçaram.

Esta corôa de espinhos, ligada pelo esparto e coberta de sangue, foi ella propria, acaso, quem a fez. Trabalharam-na, de noite e a occultas, as suas mãos de penitente. Só esta coroa de espinhos tambem, e não o morto bem amado — que a desejára, — lhe osculou o corpo immaculado. Só estes ferros o beijaram, e não a bocca delle, que morreu sem o beijar. Ella expirou, pura e casta como viveu e nasceu. Jaz na terra humilde. Se peccou, Deus tel-a-ha redimido. O seu cilicio é, como a cruz de Jesus, o symbolo do seu Amor.

Quinta carta

Sobre as mulheres que morrem Virgens

Minha bôa Leanor:

Destaco dum livro inédito estas paginas que transcrevo e te envio. O teu impenitente horror á vida do Amor e ao matrimonio, força-me a chamar para ellas a tua attenção. Lê-as, e que o teu espirito eleito e a tua bondade de mulher as pensem e as meditem:

I

— Vês, meu amor, aquelle esquife que alli vae? E' branco; é alvo como a flôr de neve que nelle repousa e a terra em breve irá comer. Não tinha ainda vinte annos. Amou, soffreu, uma doença a matou, a Morte a tomou, a levou com-

sigo. Morreu quando a Vida começa. A Vida é um dia, e ella morreu quando a alvorada se inicia. Morreu naquelle instante em que a manhã prateia o horizonte, os montes se prateiam de claridade, e a luz nascente principia a innundar os pincaros e a descer aos vales. Tens pena della, dessa que morreu?

Ella, a minha amante, o suave encanto que me doira a Vida e é a força do meu sêr, o fogo da minha mente, disse-me apenas:

— Pena della? porquê?! Morreu quando deve morrer-se. Morreu perfeita, morreu ingenua e morreu pura. Foi uma flôr que desabrochou e, em plena manhã, quando o sol palpita no orvalho do seu seio, e a flôr é immaculada, alva, um grande vento a bate, a arranca, e a desfolha. Morreu no instante em que a Vida principia, e a existencia é ainda azul, e cheia de esperanças. Ella ignorou a Vida, desconheceu a existencia. Do mundo, apenas a graça, a belleza, a formosura, lhe feriram os sentidos. Ella não chegou verdadeiramente a amar. Apenas presentiu o Amor. Porque não amou, não soffreu tambem.

— Mas tão nova! não tens pena? — inquiri ainda.

— Eu — disse ella — invejo o seu destino que me namora e eu não alcancei. Morre sem desillusões. Finda sem que a desventura e o desengano lhe toquem com a sua aza. Fez da Vida um vergel, e morreu colhendo os fructos desse vergel. Fez da existencia um rio azul que mansamente deslisa entre salgueiraes, e acabou-se vogando sobre esse rio e cantando. A Vida, que é para alguns um mar revolto e um ceu de tormenta,

foi para ella um lago calmo, e um ceu de primavera. Ella morreu na primavera. Morreu quando as corollas desabrocham, a cotovia canta mais claro, e a Terra adormecida reacorda fecundada pelas sementes, sob os olhos de Deus.

— Tenho mágoa — respondi —. Uma mágoa enorme me aflige ao vêr um corpo destes, explendente de frescura e de mocidade, que vae afundar-se na Terra, e dissolver-se, e ser pó, e ser cinza. Não foi para isto, por certo, que Deus creou o Amor. Se o Amor existe, elle deve ter um objectivo, um idial. Se o Amor não é uma mentira, elle precisa da Mulher que o inspire e que o encarne, do corpo de perfeições que o mereça e que o personifique. Sem a Mulher moça, e bella, e plena de graça, onde encontrar um culto para o Amor? Esta que se findou, que se vae, que nos diz adeus, desmente o Amor. Se o Amor existisse, ella deveria existir para exaltar o Amor. Nella, o Amor viveria. No seu corpo de oiro, na sua alma de crystal, nos seus cabellos como a noite, o Amor irradiaria, teria o seu templo e os seus altares.

II

Longamente disse á minha doce amiga, anjo de graça que me guarda e que me illumina os passos, como eu lamentava aquelle findar de existencia como uma luz de oleo sagrado, a que o oleo falta e aos soluços se apaga. Ella, a que morrera, era um explendor de aurora, era bella

como um astro, era um seio fecundo como uma terra de seara rica. Se vivesse, o Amor viveria nella. Ella faria um ente feliz e faria do seu ventre um foco de maternidade abençoado de Deus. Cada filho das suas entranhas seria, como ella, formoso e sadio. Em volta della um lar se illuminaria, abendiçoado e feliz. Teria um noivo, teria um braço, um homem a seu lado. Era o seu esposo. Era elle o pae dos seus filhos, a força varonil da sua casa, a sua trave, o seu muro, a sua espada defensiva e augusta.

Mas a minha encantadora amiga de novo encareceu os destinos daquellas que morrem ao despontar da juventude, quando a Vida é exhuberante como a agua duma torrente, e as máculas do mundo as não contaminaram ainda. As que assim nos dizem adéus, não conservam da Terra odios ou rancôres. Na Terra não conheceram mais que as flores que esmaltam os prados, as aguas cantantes que correm nos ribeiros, o lucilar das estrellas que phosphorejam nos ceus, e o grande Sol que tudo illumina. Como nasceram puras, ellas morrem puras. Puras como a neve, brancas como os arminhos.

— Mas como, — perguntei ainda — como não reputar a maternidade superior á virgindade infecunda? Como não supor mais meritoria, e válida, e virtuosa a mulher que morre deixando na descendencia o seu sangue e o seu amor, que aquella que esmaga e estiola o seu ventre não tocado pelo pecado original? Acaso não é mais nobre o ventre que fructifica, e nos dá homens, nos dá espiritos, que aquelle que se inutilisa e é safaro como terra maninha? Que ha de mais bello,

maior, mais apotheotico, que isso de deixar á humanidade mais um sêr ou muitos seres, em meio dos milhões que a pouco e pouco desaparecem da face da Terra? Crear homens, multiplical-os! — eis o ministerio, eis a funcção.

III

Virgens mortas!... Eu vejo-as, eu presinto-as revolvendo-se nos tumulos, delles se erguendo, e pairando. Vejo-as vestidas de branco, como Ophelias, com as frontes toucadas de rosas. Erguem-se das lousas, entrelaçam as mãos, e dansam. Dansam uma dansa aerea, que um vento agita, com as pratas dos vestidos fluctuantes e nas faces um sorriso triste. Ellas cantam. O vento nas ramagens faz-lhes orchestra, e os fogos fatuos sobre as campas illuminam-nas. Do ceu espreitam-nas as estrellas. Os anjos, junto do Altissimo, olham-nas com amor. Ellas bailam em cadencia, volitam, são como pombas pairando. Nos seus olhos vive a tristeza. Ha nelles qualquer cousa como uma funda saudade. Dir-se-hia que, morrendo, deixando o mundo, nelle deixaram as suas esperanças. Corações que pulsaram e peitos que sentiram o bater dos corações anciosos, quedaram-se, estão immoveis. Mas, do que foi, do que passou, a recordação vive, a memoria subsiste. As virgens mortas lembram-se da Vida. E dansam, cantam, para esquecer. Fadadas para o Amor, ellas apenas advinharam o Amor. Eram uma luz, e uma treva as escureceu. Eram uma chamma, e um

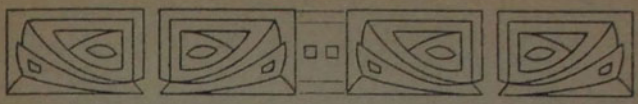
vento de desgraça as apagou. Ellas tem pena da existencia que fruiram. O destino cortou-lhes os passos; a fatalidade embaraçou-lhe os destinos. Virgens mortas, como eu vos deploro!

Corpos de jaspe e estatuas vivas de carne que Deus, supremo artista, bafejou, para que morrestes vós? Porque não quisestes viver? A Vida é bella e a Vida é creadora. Viver é luctar, morrer é ser vencido. Só o que vive lucta, e pela lucta se engrandece e triumpha. Morrer é deixar-se derrotar, ser derrotado. O vosso corpo era um altar do amor, e vós fugistes ao Amor. Porque repeliste o Amor? Só o Amor redime e salva. Só o Amor purifica e liberta. Tivestes medo do Amor. Mas o Amor é bello; o Amor é a essencia de Deus; o Amor é uma essencia divina. Virgens mortas! recordae a Vida. Pedi aos destinos a transmigração das almas. Reencarnae, vinde de novo á Terra, concebei, dae-nos Amor, dae-nos os vossos filhos.

Virgens mortas! — resuscitae para serdes mães!

Sexta carta

Sobre o mysterio e a epopeia da Morte



dorada Elvira:

Não é a ti que eu escrevo, mas sim á tua memoria, ao teu espirito desencarnado, que vive remoto, nas trevas do além. Desculpa que te acorde da mansa paz em que dormes, e que te sacuda, de novo te traga á Vida. Mas eu preciso de falar-te. Ergue-te, e escuta:

— Tu, doce mulher a quem amei, tinhas o pavor da Morte. Tremias de receio ante essa ideia fixa de que a existencia terrena é ephemera, e que em pós ella outra se desenrola, enorme, cheia de trevas, povoada de mysterios e de lendas, que os seculos e as religiões tornaram inextricaveis. Ao falar da Morte, tu que eras a Vida, temias a Morte. Tu que eras a força, a belleza, a mocidade, gelavas de terror ante a perspectiva da destruição que esphacela as fórmas e as pulve-

risa. Se o teu corpo era a formosura, era de luz, era maravilhoso como um astro, poderia a Morte vir destruil-o?

E, no emtanto, minha louca amante, tu morreste. Do que tu eras, do que havia nos teus olhos de fogo, e nos teus labios rubros como a aurora, não existe hoje mais que uma funda memoria na minha mente, e alguns grãos de rude pó nos destroços do teu esquife. Entre os farrapos do teu vestido de noiva da Morte, da tua corôa de virgindade, da tua alliança de promettida, esses grãos de pó são como os demais, inexpressivos e inertes. Elles nada dizem. A sua belleza murchou. A sua bocca emmudeceu.

I

Quando tu vivias, a tua carne falava. A tua fronte era como uma Biblia, e as tuas mãos exprimiam-se aos meus sentidos, com a eloquencia com que Jesus communicava ás mulheres que o acompanharam e por amor delle se redimiram. Toda tu eras um verbo, uma palavra cantante, um hymno de belleza. Vêr-te era ouvir todo um poema eloquente, uma ode colossal á existencia, uma opera heroica e suave em homenagem á Vida. Como tu eras grande, e como tu, luz da minha alma, eras formosa!

E tu morreste! Morrendo, acaso viverás ainda? Não sei. Ensinam as religiões e os mythos que as almas dos mortos perduram. O que em nós morre, se esfacela, se pulverisa, é apenas o

corpo, esta roupagem indigna e precaria que nos cobre. Tudo isso se converte em lama, em cinzas. Mas a essencia que dentro de nós perdura, a luz que dentro de nós vive, a intelligencia, a sensibilidade, o espirito — são eternos.

Para aquelles que remontam a Vida alem do tumulo, a Vida é uma depuração constante das almas, através das gradações perfectiveis dos sêres. A alma rude do vegetal, é, passados milhares de seculos, a alma perfeitissima de Boudha. O rouxinol que ha milhares de seculos cantou num tronco de vide das terras do Oriente, resurgiu, ha quasi dois mil annos, no espirito suavissimo do doce Jesus. A alma do verme póde vir a sêr a alma do santo. A alma da arvore, póde converter-se na alma do homem. São apenas estadios da mesma alma, as almas dos mortos, e as almas dos que raciocinam. Em cada uma dellas, a mesma identidade, a mesma energia originaria, a mesma synthese activa subsistem.

II

E' de crêr que no decorrer da historia das cousas, de tudo quanto foi creado e perdura, não se encontre mais que transformações e aperfeiçoamentos graduaes e successivos da materia. A materia necessita do cadinho dos seculos para modificar-se e sublimar-se. E' um labôr de chimica eterna, de metamorphose constante, de transformismo gradual e absoluto. Nada pára; a Morte é movimento; a Morte é uma força.

Como dos animaes primarios, e das hervas amorphas, se fizeram as gerações complicadas da existencia actual, assim, parece-nos, os espiritos, no dobar das edades, se intellectualisam e se immortalisam. A morte do espirito é tão incomprehensivel como a morte da materia. A materia transforma-se, continuamente, ininterruptamente. O espirito evolute na transmigração dos corpos, na peregrinação errante atravez das epocas e dos tempos. A exaltação dum espirito na sua marcha triumphal do inerte ao consciente, tem a trajectoria longa que marca a constituição das nebulosas em mundos habitados.

III

Se a alma morresse, a sabia Natureza, infallivel como a mathematica e segura como um juizo de Deus — errava. E a Natureza não póde errar. A logica é um producto da Natureza. A logica é a propria Natureza. A Natureza é presciente e é infallivel. O que ella pensou e o que elle marcou, é assim, só podia ser assim. O que nós pensamos, é, por vezes, o producto dum engano ou duma illusão. Aquillo que a Natureza julga, é insusceptivel de lapso. E' impolluto de mácula e é perfeito. Quem desmente a Natureza? Quem teve mais razões para desmentil-a nos seus factos e na eternidade augusta das suas leis?